# *Curso Online de Filosofia*

Olavo de Carvalho

Aula 26
03 de outubro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos. Eu vou tomar como tema desta aula um assunto que é levantado (numa das cartas) numa das perguntas que nós recebemos. Eu não só vou responder à pergunta dele, mas a aula inteira vai ser sobre este tema. É a pergunta do Victor Madeira Garcia, onde manda um trecho do livro do Heinrich Zimmer, “Filosofias da Índia”, que é um tratado da filosofia como modo de vida, enfocando o discípulo e diz o seguinte:

> "Não se procura uma atitude crítica, e sim um crescimento gradual dentro do molde da disciplina. A instrução é aceita e seguida, por assim dizer, às cegas. Porém, com o decorrer do tempo, quando aumenta a capacidade do discípulo para captar o ensinamento, a compreensão vem sozinha. Esta aceitação cega e conseqüente compreensão intuitiva da verdade, pela atitude que lhe corresponde, é conhecida na Europa como prática fundamental da Igreja Católica Romana. Tome-se como exemplo um dos romances de Flaubert, Bouvard et Pécuchet, onde é descrito o caso de dois livres-pensadores que, desapontados com seus modos de vida e após tentarem o suicídio, voltam à fé da infância e retornam ao ambiente campestre de seus primeiros anos. Recorrem ao padre e o assaltam com o seu ceticismo e dúvidas inquietantes, ao que ele simplesmente responde: 'pratiqué d'abords', isto é, pratique primeiro. Adote e pratique primeiro o método ortodoxo e os deveres ritualísticos, assistindo à missa regularmente, rezando e indo à confissão e comungando. Então, pouco a pouco, entenderão, e suas dúvidas irão se desvanecer como névoas à luz do sol. Não precisam sondar as grandes profundezas do dogma da trindade nem dos outros mistérios, mas é necessário que professem e sintam uma fé absoluta, pois, em última instância, essas coisas devem ser de algum modo verdadeiras. E assim, manter as esperanças de que seu significado possa ser revelado à medida que aumenta em seu interior o efeito da graça sobrenatural."

Muito bem. Em primeiro lugar, as minhas pretensões neste curso não vão tão longe. Eu não estou dizendo pra vocês: "pratiquem isto e vocês receberão a graça sobrenatural". As minhas pretensões não chegam a isso. Mas esta pergunta – que não é bem uma pergunta, é apenas uma observação – vem muito a calhar com o que eu estava pensando como assunto para esta aula.

O que o Zimmer diz aqui, guardadas as devidas proporções e reduzindo um pouco a amplitude da coisa, se aplica a qualquer ensinamento prático. O ensinamento prático é algo que visa a ensinar você a fazer alguma coisa. Como diziam os escolásticos, existe a ação transitiva, que é aquela que se opera sobre um objeto – por exemplo, quando você constrói um objeto, quando você

faz uma mesa (você está agindo sobre a madeira) –, e existe a ação imanente, que é aquela que você faz sobre si mesmo, como, por exemplo, no caso de uma ginástica. Na ginástica, você não está agindo sobre nada, mas sobre você mesmo. A ação é imanente porque fica dentro do sujeito.

É claro que, no nosso caso aqui, se trata de uma ação imanente, só no último ano nós vamos tentar fazer alguma coisa, mas, durante os quatro primeiros anos, a ação é voltada inteiramente do aluno para ele mesmo. Nós vamos tentar fornecer a ele os meios e o estímulo para certas transformações que o façam tomar posse da sua inteligência. E não é só da inteligência como instrumento – este é o grande problema, porque existem milhares de cursos, ginásticas, remédios e até programação neuro-linguística que prometem tornar você mais inteligente, mas não é disso que nós estamos falando. Aqui nós entendemos inteligência apenas como o exercício da sua própria consciência. Tudo, neste curso, gira em torno desta noção fundamental de consciência, que nós não estamos estudando como conceito teorético – vamos estudá-lo mais tarde –, mas tentando mostrar a consciência e a ampliação da consciência em ação, em operação. Todos vocês aqui já tiveram a experiência disso. Com estas sugestões e estas práticas dadas nas aulas anteriores, as pessoas percebem que elas estão percebendo mais. Isso é absolutamente inevitável.

A transformação que se visa não é tão profunda quanto esta a que está se referindo Zimmer, que já é uma transformação espiritual que pode afetar até a sua vida a após a morte – a salvação da sua alma. Não é disso que se trata aqui. Mas, de qualquer modo, é uma transformação que deve puxar o indivíduo desde a periferia da vida psíquica até o seu centro. Esse centro é exatamente a consciência.

Vocês jamais caiam na esparrela de imaginar que existe um negócio chamado psique e que a psique se compõe de um milhão de mecanismos complicadíssimos e que, sobre sua casca, existe a consciência. Essa é uma idéia que se disseminou a partir do século XIX. Claro que é uma idéia alemã, só podia ser alemão pra ter essa idéia. Disseminou-se sobretudo com Schopenhauer e depois, mais tarde, com o Dr. Freud. Hoje em dia, já virou praticamente uma tradição: a psique é uma coisa e a consciência é um aspecto exterior, por assim dizer, da psique. Quer dizer, a psique poderia existir sem consciência, mas ela produz, de algum modo, a consciência. Esta é a idéia que está dada aí. Se você examinar essa noção um pouquinho, você verá que não apenas ela é irreal, mas impossível, absolutamente impossível.

Então, não pense que existe aqui uma psique inteira, mais ou menos inconsciente e que, depois, aos poucos, vai aparecendo uma consciência. Você chega a essa noção errada quando imagina a consciência como uma coisa, como uma parte da máquina chamada psique. Mas a consciência não é isso.

A consciência é uma ação, é uma força agente. Nada aconteceria na psique se não fosse a consciência. A partir do momento em que o sujeito nasceu, toda a aquisição de conhecimento é inteiramente consciente. Por exemplo, o bebê está inconsciente de tudo aquilo que ele não sabe e de tudo aquilo que não chega a ele. Mas, quando o bebê tem fome, você vai dizer que ele está

inconsciente da fome? Se ele não estivesse consciente da fome, ele não choraria porque tem fome. Se ele sente dor, ele está inconsciente dessa dor? Simplesmente, não é possível. Você pode ficar inconsciente de uma dor, por exemplo, mediante hipnose. O sujeito está morrendo de câncer, você o hipnotiza e a dor passa. Ele se tornou inconsciente da dor. Você pode então dizer que partes do *corpo* dele são afetadas por essa dor. Se você examinar, vai ver que todas as transformações inerentes ao processo da dor estão lá presentes; no entanto, a dor não chega à consciência dele. É isto que acontece com o bebê? É assim que o bebê sente dor? É assim que ele sente fome? É claro que não. Então, o que está operando ali é a consciência, desde o primeiro momento. Ele está tomando consciência dos objetos em torno, está tomando consciência do seu próprio corpo – em suma, está tomando consciência da presença do ser. Este é o mecanismo fundamental da psique. A capacidade de ter consciência é o que define a psique. Se não há consciência, não há psique nenhuma.

Todos os mecanismos que nós chamamos de inconscientes – por exemplo, aqueles que aparecem nos sonhos, analisados pelo Dr. Freud –, se fossem mecanismos inconscientes em si mesmos, como seria possível tomarmos consciência deles? Como é que você pode pegar um negócio que é inconsciente em si mesmo e torná-lo consciente? Você só pode tomar consciência retroativamente de algo que você sonhou porque o próprio ato de sonhar já é um ato de consciência. Você não pode sonhar inconscientemente. É a sua consciência que está funcionando enquanto você dorme, **[0:10]** mas funcionando de uma outra maneira, que é diferente de como ela funciona na vida de vigília. Não é uma maneira substantivamente diferente; é apenas uma diferença quantitativa. Nós podemos dizer que a consciência que você tem na vigília é mais concentrada em função de certos objetivos. Por exemplo, você está prestando atenção nas suas tarefas, na aula a que você está assistindo, no trânsito, enfim: você está ocupado. Ocupado signifi–ca que você está concentrado em certas coisas. A consciência do sono é apenas uma consciência dispersa. Ela está aberta para qualquer estímulo que chegue. Esses estímulos podem vir, por exemplo, do meio ambiente – um ruído, uma mudança de temperatura... **[queda de transmissão]**

Bom, parece que normalizou a transmissão, vamos continuar.

O que eu estava tentando dizer é o seguinte: para você compreender exatamente a natureza de um aprendizado prático e poder tirar o proveito esperado, a primeira coisa que você tem de fazer é se livrar da noção corrente de que existe aqui um negócio chamado inconsciente e, em cima dele, existe um outro negócio chamado consciente. Sobretudo, você tem de eliminar a noção de que existe uma psique inconsciente e de que o consciente é apenas uma superfície, é uma epiderme que se forma aos poucos, como se toda a sua vida, desde que você nasce, fosse inconsciente. Então, pergunto eu: a partir do instante em que a criança nasce, se os estímulos que ela recebe do meio ambiente e do seu próprio corpo não são conscientes, são o quê? A criança sente fome inconscientemente? Ela sente dor inconscientemente? Sente sono inconscientemente? Isso simplesmente não é possível. O próprio impulso que ela tem de se mover e ir tomando posse do seu corpo é também inconsciente?

Ela sai engatinhando inconscientemente? Tudo isso, evidentemente, é um absurdo total! O pessoal confunde a noção de consciência com a noção de ego. Praticamente toda a atividade cognitiva humana é consciente.

Quando você dorme, você sonha inconscientemente? Se é inconsciente, como você pode sonhar? É uma coisa inteiramente absurda. É claro que é a sua consciência que está funcionando ali. Ela está funcionando numa outra modalidade, que é diferente da modalidade de vigília porque, na vigília, as atividades são, em geral, concentradas em alguns pontos que são do seu interesse. É claro que, mesmo aí, você tem uma certa amplitude. Você pode estar fazendo uma coisa aqui e, ao mesmo tempo, pensando em outra coisa. Você divide a sua consciência. Mas, de qualquer modo, a diferença fundamental da consciência de vigília é a sua concentração maior em determinados pontos de interesse, ao passo que, durante o sono, você não está fazendo nada, não está agindo. Então, justamente ali, quando você não está agindo, a sua consciência está livre e pode se conectar a qualquer estímulo que receba – ou do seu próprio corpo, ou do ambiente. Por exemplo, quando o seu corpo está numa posição incômoda e você se mexe, ou quando você tem uma má digestão durante a noite, quando você se deita de um jeito errado e cria uma dificuldade de respirar – tudo isso o afeta, manda sinais para a sua consciência. A consciência capta tudo isso, inclusive estímulos do ambiente: mudanças de temperatura, ruídos, cheiros, tudo isso é captado aleatoriamente pela sua consciência e se traduz como imagens. Seria impossível que essas imagens viessem ordenadamente, porque elas são desordenadas pela sua própria origem. Se você, enquanto está acordado, permitisse que a sua consciência captasse todos os sinais ao mesmo tempo – por exemplo, você está lendo um livro aqui mas está prestando atenção no mosquitinho voando, lembrando-se da conta que tem de pagar, acompanhando o latido do cachorro lá fora –, ia virar um caos, evidentemente. Você não consegue conectar todas essas coisas. Na vida de vigília, os nossos pensamentos podem se conectar uns aos outros, podem se encadear, graças à seleção da atenção. Você escolhe prestar atenção a determinadas coisas e recusar atenção a outras coisas. Essa capacidade de focar a atenção é o que caracteriza a vida de vigília, ao passo que, durante sono, você tem focos múltiplos. Como são focos múltiplos e simultâneos, é claro que todos os dados que você recebe aparecem na sua mente de maneira caótica, porque eles são caóticos, não têm nada que ver um com o outro. A única coisa que todos esses dados têm em comum é que todos eles fazem parte da realidade. Mas aí são tantos planos, tantos níveis e tantas direções diferentes de realidade ao mesmo tempo, que você não poderia jamais coerir esses dados.

No entanto, a própria atividade da imaginação já organiza um pouco essas coisas. Como? Associando uma imagem com outra imagem, simplesmente encadeando imagens. Essas mudanças absurdas que acontecem nos sonhos – por exemplo, você está num lugar e de repente aparece em outro – refletem simplesmente esse caráter caótico dos estímulos corporais recebidos. E, através da imaginação, você cria uma ligação mais ou menos arbitrária entre uma coisa e outra. Por exemplo, no sonho você estava num lugar e de repente você aparece num outro. Por que isso aparece unido para você? Por que você diz que é o mesmo sonho? É como se fosse uma história para você, você

colocou uma ordem temporal. A seqüência em que as imagens apareceram torna-se para você uma espécie de encadeamento. Eu sempre acho muito engraçado quando as pessoas contam os seus sonhos, porque no sonho narrado acontece uma coisa, e depois outra que não tem nada a ver com aquela, e depois outra, e depois outra, e as pessoas contam como se fosse uma narrativa. Mas aí não tem narrativa nenhuma; são apenas coisas separadas que aconteceram. Você está captando sinais e estes se expressam para você sob a forma de imagens, mas isso não quer dizer que haja alguma relação entre elas.

É por isso que, em geral, a interpretação de sonhos dá errado: porque mistura coisas completamente diferentes. Por exemplo, naquilo que você chama um mesmo sonho, pode aparecer a expressão de um desejo que você tem – um desejo antigo, esquecido, alguma coisa que você queria na vida e não conseguiu pode aparecer –, mas ao mesmo tempo pode acontecer de o ar-condicionado quebrar e você passar a sentir calor. E aparecem, então, as duas coisas – ou juntas, ou separadas, ou simultâneas, ou em sucessão – e você quer interpretar tudo isso.

O sonho não pode ter uma interpretação. O sonho tem milhões de interpretações porque reflete milhões de coisas completamente diferentes. Essa interpretação de sonhos do Dr. Freud é uma empulhação da primeira à última linha. Talvez “A Interpretação dos Sonhos” seja o pior livro que ele escreveu, porque ele acredita que todos os sonhos têm uma clave interpretativa unívoca. Mas isto é de uma estupidez monstruosa! Quer dizer, eu estou lá sonhando e de repente quebra o ar-condicionado, eu começo a sentir calor e vem lá no sonho uma agonia, uma coisa assim, e ele diz que eu estou agoniado porque papai não deixou eu transar com mamãe. Isso é infantil, é pueril!

A primeira coisa que a nossa imaginação reflete é o estado imediato do corpo, tanto naquilo que ele sente do ambiente ou das suas transformações internas, quanto naquilo que ele deseja, expressando, portanto, as necessidades dele. O que aparece no sonho são eminentemente **[00:20]** alterações e aspirações que expressam necessidades do seu corpo. A fome, por exemplo. Se você foi dormir com fome, pode sonhar coisas horríveis só por causa disso. Faça uma experiência. Pegue um sujeito que está dormindo, vá lá e aperte o dedão do pé dele (suavemente, para não acordá-lo). Quando ele acordar, pergunte se ele teve um pesadelo. Ele teve.

Agora vocês imaginem, por exemplo, ondas eletromagnéticas. Umas aulas atrás eu estava, justamente, lembrando a vocês a necessidades de uma alimentação a mais, desses suplementos alimentares por causa dessas ondas eletromagnéticas que atravessam a nossa atmosfera em quantidade cada vez maior. Imagine quantos computadores há ligados aqui em volta – computador, telefone, televisão –, sem contar aparelhos de maior dimensão que podem estar funcionando por aí. Então, tudo isso são ondas eletromagnéticas. Curiosamente, agora mesmo eu estava lendo na revista *NewsMax* que há pessoas que passam mal, têm enjôo simplesmente porque estão perto de uma antena *wi-fi*. O sujeito não sabe o que está sentindo. Imagine se o sujeito

dormir sob a influência de uma antena dessas. Isso vai determinar praticamente metade do sonho dele. E daí você vai interpretar aquilo de acordo com uma clave psicológica? Olha, no tempo de papai e mamãe não existia nem *wi-fi*. Então, como isso pode ser complexo de Édipo?

Então, primeiro: é claro que as mudanças do ambiente físico externo e interno são a causa prioritária dos sonhos. A primeira! A primeira coisa com que você sonha é aquilo que o seu corpo está sentindo. Claro que você pode também sonhar com outras coisas mais sutis e mais remotas, mas só se você tiver um sono que não seja perturbado por essas alterações corporais internas e externas.

Então, o que é tudo isso que se passa no sonho? Tudo isso se chama consciência. Tudo isso são atos de consciência. Se você depois os esquece, ou se aquilo lhe parece estranho, é por um motivo muito simples: o sonho em si mesmo não precisa ser explicado; ele é uma simples percepção que está sendo traduzida imaginariamente. Ele já é uma forma de compreensão. É uma atividade consciente, incipiente, caótica, aleatória, mas é o começo da compreensão. Isso quer dizer que aquilo que você sonhou hoje, se aquelas coisas continuarem acontecendo, você tomará consciência clara delas (consciência de vigília) mais tarde. Mas você precisa deixar que essa consciência incipiente faça o seu trabalho, cresça e adquira formas de expressão mais estáveis para que você possa reconhecê-los com a sua consciência de vigília. E a consciência do sujeito que está adormecido, o que é? Consciência é consciência.

Vamos dizer, o sujeito pode ter consciência de que o calo dele está doendo e ter consciência de que inúmeros fatores produziram a Revolução Francesa. Uma coisa não é mais consciência do que a outra. São dois atos de consciência. Apenas o assunto, o objeto, num caso é mais complexo, requer mais tempo etc., enquanto perceber a dor no calo é algo instantâneo. As coisas que você percebe no sonho também são todas instantâneas – instantâneas e que estão em constante fluxo. Por quê? Porque o corpo continua funcionando, o cérebro continua funcionando, o ambiente externo continua existindo. Tudo isso é aquela massa de estímulos que você está recebendo o tempo todo.

Você não pode guardar tudo aquilo na memória, porque a maior parte são informações inúteis – inúteis para as suas finalidades de vigília. Pode ser que no sonho você receba uma informação importante de algo que você percebeu (como aquele exemplo do pneu, aulas atrás). Pode ser uma informação importante objetivamente, mas não subjetivamente (ou seja, é importante em si mesma, embora você não tenha prestado atenção por tempo suficiente). Isso quer dizer que o material que aparece nos sonhos – não só nos sonhos, mas nos devaneios durante o dia –, todo este material é absolutamente precioso para você porque é daí que vão sair as formas mais elaboradas e mais estáveis de consciência.

Nós podemos comparar essa atividade onírica a um rio que está fluindo. A comparação não é muito exata, mas é só para dar a idéia de movimento. O rio está fluindo e nele se formam algumas cristalizações. Essas cristalizações são

as idéias que você tem durante a vigília. O material é o mesmo e a natureza da atividade é a mesma. Os dados da consciência de vigília somente se distinguem dos dados do sonho e do devaneio pela sua maior estabilidade e reprodutibilidade. Quando, partindo desse caos da imaginação, você vai subindo e subindo, chega até os conceitos fixos que são usados em ciência, por exemplo. Se você pegar os conceitos da antiga geometria – triângulo, quadrado, ângulo reto, círculo etc. –, essas coisas têm um significado unívoco e estável para toda a humanidade que tomou consciência delas. A única diferença do material onírico para a consciência de vigília é a sua estabilidade.

Aliás, essa diferença existe não só entre o material onírico e as chamadas idéias claras e distintas de Descartes, mas também existe entre as sensações, as percepções físicas, e os conceitos usados no pensamento refletido. Não são apenas as imagens do mundo onírico, mas as nossas percepções também estão fluindo o tempo todo, sem parar. Algumas são mais intensas e duráveis; outras são mais leves e fugazes. As leves e fugazes têm pouca importância subjetiva, passam batido, você sentiu aquilo e esqueceu imediatamente. No entanto, elas podem ter uma grande importância objetiva. Por exemplo, você pareceu ter ouvido alguém gritar muito longe. Pode ser que uma pessoa esteja sendo assaltada, assassinada na esquina. Você não sabe. A importância subjetiva da informação é a atenção que você presta a ela. A importância objetiva é a relevância da coisa na ordem externa, na ordem factual. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você não recebe as informações com intensidade proporcional à importância objetiva delas, isso seria absolutamente impossível. Só Deus recebe a informação desta maneira (Deus presta mais atenção àquilo que é realmente importante). Nós, não. Nós recebemos as informações através dos nossos sentidos corporais; aquelas que não percebemos imediatamente, percebemos mediatamente através das imagens dos sonhos.

Esse movimento de sensações e de imagens é a matéria-prima do pensamento humano. Tudo o que você pensa, que você pode chegar a compreender pelo pensamento, passou, de algum modo, por essa esfera onírica. Há aquela frase célebre dos escolásticos: "nada está no pensamento que primeiro não tenha passado pelos sentidos". Bom, primeiro: sentido aí tem de ser tomado em acepção ampla. Segundo, também nada está no pensamento que não tenha antes passado pela imaginação (pela memória e pela imaginação). Portanto, **[00:30]** os estímulos sensoriais e a atividade onírica nos dão a matéria prima de tudo o que pensamos e tudo o que sabemos. Tudo! Esse material é precioso para nós. Aquilo que você tente apreender só pelo pensamento refletido – digamos, pela lógica verbal –, sem nenhum suporte onírico ou sensitivo, não significa nada, são apenas formas vazias.

A capacidade que nós temos de lidar com formas vazias não tem nada a ver com o conhecimento da realidade. Isto aqui é importantíssimo! Todo o mundo da lógica (aí incluída a aritmética elementar, que tem a mesma estrutura da lógica) trata da estruturação de todas as relações possíveis entre tudo e qualquer coisa. É por isso que nós dizemos que a lógica é a estrutura da possibilidade, não da realidade. Pelo pensamento lógico, você avalia, por

exemplo, se algo é absolutamente necessário: dada uma condição, tem de se seguir uma outra. O famoso:

“Todo homem é mortal,
Sócrates é homem,
Portanto, Sócrates tem de ser mortal.”

Sócrates tem de ser mortal necessariamente, não tem escapatória. Na medida em que ele obedeça à definição de homem, como mortal, ele vai ter de ser mortal. Você nota aí um nexo de necessidade. Necessidade vem do latim *nec* (não) *cedere* (ceder), ou seja, aquilo que não cede. Se você tentar pensar a coisa de outra maneira, você vai encontrar o mesmo resultado infinitas vezes.

Um pouco abaixo do elo da necessidade, existe a necessidade relativa, que nós chamamos de probabilidade. A probabilidade é um cálculo da necessidade (ou não) de alguma coisa. Entre a absoluta necessidade e o seu contrário, que é a absoluta impossibilidade, existe uma série de gradações. As gradações podem ser medidas. É isto que nós chamamos de estatística. Toda a ciência da estatística é baseada na idéia de uma necessidade relativa. A quantidade dessa necessidade pode ser medida. Você diz: há uma chance de oitenta e dois por cento; ou trinta e três por cento; ou zero por cento. Se você fala que a chance é zero por cento, você está expressando a impossibilidade absoluta; se você diz que há uma chance de cem por cento, você está expressando a necessidade absoluta. Uma coisa não pode ser e a outra não pode não ser. Dentro desses limites existe todo o mundo da probabilidade, que não passa de uma matematização, ou logicização artificial do mundo da experiência.

Veja: evidentemente, nós não podemos conhecer, por experiência, o universo do possível. Eu só posso conhecer por experiência o mundo do ser, o mundo da realidade, o mundo daquilo que efetivamente existe. Mas, e aquilo que poderia acontecer? Eu não posso conhecer o possível por experiência, porque, para eu ter a experiência, ele precisaria acontecer, e, se ele acontecer, já não é apenas o possível, já entrou na realidade.

Todos nós temos a experiência da presença do ser. Mas nós sabemos, ao mesmo tempo, que essa presença é infinita, e que só podemos ter experiência de uma parte ínfima dela. A outra parte nós só podemos conhecer por especulação do possível. Aquilo que nós chamamos de razão (razão, raciocínio etc.) não é nada mais do que essa estruturação do possível. À medida em que nós conhecemos a estrutura do mundo das possibilidades, nós podemos não só especular sobre aquelas partes do ser que nós não conhecemos, mas também podemos especular sobre qual o lugar que as partes que nós conhecemos têm numa totalidade possível.

Quando você acha que um acontecimento é estranho, o que você quer dizer com isso? Logicamente, isso corresponde a quê? Você está dizendo que é improvável logicamente: esta coisa só tem uma possibilidade de 0,0001% de acontecer e, no entanto, aconteceu. Por isso, você estranha. Se fosse uma coisa que, no seu modo de entender, teria de acontecer necessariamente, você não estranharia. Por exemplo, todas as coisas que você joga para cima caem no chão. Se você jogar uma garrafa para cima e ela parar no ar, você ficará

espantado, e espantado por quê? Se a coisa aconteceu, se ela é real, por que você fica espantado? Porque ela não se enquadra no esquema que você tem da possibilidade geral.

Isso quer dizer que o conhecimento do possível, a especulação do possível, é o que nos dá, não só a possibilidade de imaginar aquilo que não está ao alcance da nossa experiência, mas também nos dá a medida exata – ou inexata – do lugar que o nosso conhecimento, obtido por experiência, tem no conjunto.

Claro que essa avaliação pode errar completamente, porque, a partir da sua especulação do possível, você cria o que poderíamos chamar de uma imagem do mundo. Todos nós temos uma imagem do mundo. Essa imagem do mundo consiste, sobretudo, numa estrutura de possibilidades. Você acha que certas coisas são possíveis e outras são impossíveis. Isso demarca o seu horizonte de consciência (consciência tomada aqui no sentido de consciência refletida, quer dizer, consciência de vigília. Se você tomar consciência no sentido amplo que eu estava usando no começo da aula, você verá que sabe coisas que vão infinitamente além da sua visão do mundo, além do seu horizonte de consciência. O horizonte de consciência é, de certo modo, aquilo que você admite conhecer, aquilo que você é capaz de reconhecer.)

Aqui tem uma pergunta: qual é a relação que existe entre isso que eu estou falando – o horizonte da consciência – e a atenção. Há uma relação, mas, se eu for explicar isso agora, vou me atrapalhar, porque esse negócio que estou tentando explicar aqui já é suficientemente difícil. Vou apenas dizer: na expressão “horizonte de consciência”, eu estou me referindo à consciência de vigília. Além do seu horizonte de consciência – das coisas que você pode conhecer imediatamente, agora – existem muitas outras coisas que você pode conhecer, mas que você rejeitará. Por exemplo: se você as perceber durante o sonho, você as rejeitará, as esquecerá, porque você não quer conhecer aquilo.

Esse horizonte de consciência é determinado pela estruturação racional que você fez do mundo do possível. Você veja que essas noções são usadas em praticamente tudo. Por exemplo: você está dirigindo o carro. Qual é a possibilidade de que saia um sujeito da outra pista e venha bater em você? Qual é a probabilidade disso acontecer? Se todo mundo achasse que essa probabilidade é alta, ninguém sairia dirigindo um carro por estrada nenhuma. E, no entanto, essas coisas acontecem. Agora, pense bem: qual é a possibilidade de que as outras pessoas que estão na estrada cometam algum engano? Qual a possibilidade de você se enganar no trânsito? É grande. Multiplique isto pelo número de pessoas com quem você cruza no trânsito. A possibilidade começou a ficar monstruosa. E todo mundo reconhece que é assim e é por isso mesmo que existem escola de trânsito, leis de trânsito etc.

Ou seja, a noção da probabilidade, de necessidade limitada, estrutura todo esse universo do trânsito e estrutura milhões de outras coisas. Tudo isso é organizado, não de acordo com algo que a gente viu, mas de acordo com o que nós especulamos por lógica, baseados na noção de necessidade e de probabilidade.

A noção de necessidade implica também a sua contrária, que é a impossibilidade, e a probabilidade implica a sua contrária, que é a improbabilidade. Todo o universo da lógica só lida com essas coisas. Não há nada de real. O universo do pensamento lógico é uma combinatória de regras que demarcam o mundo da possibilidade. Quando você raciocina logicamente sobre algo que aconteceu e chega a certa conclusão, você está enquadrando o material da experiência real no esquema da possibilidade. Para que você possa fazer isso, há duas condições: *(i)* que você seja capaz de raciocinar logicamente como um ser humano (isto você é, porque nasceu com essa capacidade; além disso, a aprimorou aprendendo a falar etc.); *(ii)* que você tenha o material à mão. Esse material é dado pelas sensações e pela imaginação.

Prestem bem atenção: quando acontece um fato qualquer, nós julgamos que ele é provável, improvável, até dizemos que é irreal, até negamos o fato porque ele não se enquadra no nosso esquema de possibilidades, e daí dizemos que é irreal. Nós estamos fazendo um julgamento de realidade a partir de um esquema de possibilidades. Na verdade isto é impossível, mas nós fazemos isso o tempo todo. A única coisa que nos dá realidade é o mundo das sensações e das imagens oníricas. Nós não conhecemos nenhuma realidade fora disso. Isso quer dizer que, freqüentemente, nós chamamos de real aquilo que está enquadrado no esquema de possibilidades que nós admitimos. Mas – pergunto eu – como você pode produzir um juízo de realidade pela pura lógica? Não pode, porque todo o esquema da lógica só lida com o mundo do possível, nunca com o real. A substância de realidade é dada pela experiência efetiva. E a experiência efetiva é o mundo dos sentidos e o mundo imaginário.

*Aluno: Você está contrastando então fatos e o mundo das probabilidades; onde entram aí, nessa equação, os universais, as formas de proporcionalidade intrínseca...?*

Olavo: Nós vamos chegar lá. Não sei se vocês ouviram a pergunta: neste esquema que eu estou explicando, como é que eu coloco aí os universais, o esquema de proporcionalidade intrínseca etc.?

Muito bem. De um lado você tem as sensações e a imaginação; do outro lado você tem a esquemática lógica. Tem de haver uma ponte entre as duas coisas. Essa ponte é dada na própria imaginação. Eu acho isso uma das coisas mais maravilhosas do ser humano: aquilo que aparece no sonho, na imaginação, na atividade até de devaneio, expressa, de modo o mais imediato possível, o estado atual do seu corpo. Porém, expressa exatamente, também, as alterações que o seu corpo sofreu causadas pelo ambiente. É no sonho, na imaginação, que está o nosso senso de realidade, porque é a única ocasião em que aquilo que se passa dentro de nós reflete imediatamente o que está passando fora. Quando você está dormindo – ou está num estado de semi-sono durante o dia –, aquelas imagens que vão aparecendo mostram o seu arraigamento profundo na realidade em torno.

Você não poderia ter isso pela simples sensação. As sensações, todas elas, são sujeitas ao teste céptico. Eu posso, por exemplo, negar o que eu estou vendo:

vejo o mundo exterior e, por abstração, introduzo uma cunha entre uma coisa e outra, e digo: “agora estou vendo esta sala aqui, mas pode ser uma ilusão do meu entendimento”. Porém, no sonho e no devaneio, são exatamente essas ilusões que expressam a realidade do que está acontecendo, de modo imediato. Não há necessidade de você fazer um elo lógico entre uma coisa e outra. Isso quer dizer que a quase totalidade do que nós chamamos senso de realidade depende da atividade imaginativa onírica. Se o sujeito não sonha direito, ele não pega a realidade. Se a imaginação dele não funciona, ele não pega a realidade.

O que acontece é que toda a nossa esquemática – a esquemática lógica que nós aplicamos aos objetos – não sai apenas de um conjunto de formalismos exteriores que nós aprendemos, que nós aplicamos aos objetos. Não. Existe esse esquema que é ensinado para nós como, por exemplo, gramática, lógica etc. Isso tudo é a sociedade que dá para nós. Porém, existe um outro aspecto, que é a lógica intrínseca: a lógica das próprias formas dos objetos tal como nós as percebemos, seja pelas sensações, seja na atividade onírica. São essas formas que, uma vez estabilizadas, nos permitirão depois fazer a famosa abstração: separar o que essas formas tinham de acidental e o que elas têm de essencial. Graças a isso nós temos a capacidade de reconhecer o mesmo objeto quando aparece sob formas diferentes.

Isso é muito simples: diante de um gato preto e um gato branco, você sabe que é gato nos dois casos. Onde está dada essa diferença? É uma diferença lógica que você colocou depois? Não, ela está dada na própria forma do objeto. Se aparecer um gato preto e um gato branco, é o mesmo esquema, que aparece alterado somente num ponto, que é a cor. Os dois andam como gato, miam como gato, dormem como gato, fazem tudo como gato. Só não têm a mesma cor. Isto não é uma distinção lógica introduzida *a posteriori*. É a distinção que é dada na própria forma do objeto.

As essências, quer dizer, aquilo que é permanente e definitório **[00:50]** da coisa, é a primeira coisa que nos aparece, mas aparece como símbolo. A primeira vaca que você viu, a primeira vaca com que você sonhou, são todas as vacas que estão ali.

Note também outra coisa maravilhosa: experimente pegar uma dessas imagens e introduzir variações nela. (Esse experimento foi inventado pelo Edmund Husserl.) Então você imagina a vaca, lá no pasto, uma vaca malhada. Experimente mudar: você tira a vaca do pasto e põe no alto de um edifício. É uma vaca normal, não é? Você experimente mudar a cor da vaca. Agora, muda o tamanho da vaca. Pode crescer um pouquinho mais, um pouquinho menos, mas você vê que tem um limite. Se você sonha com uma vaca, você sabe que é uma vaca; se você sonha com uma miniatura de vaca, você sabe que é uma miniatura de vaca. A mudança de tamanho é admissível até certo ponto; passou desse ponto, você sabe que está falando de outra coisa. Imagine um gato. Ele pode, digamos, dar um pulo de três metros. Imagine agora um

gato que dê um pulo de trezentos metros. Você sabe que já não é mais um gato, é um outro tipo de ser.

Isso quer dizer que as formas dos objetos têm a sua lógica intrínseca. Ao ver o seu primeiro gato, você sabe que aquela forma admite certas variações, mas essas variações são limitadas, ainda que sejam em número muito grande. Quantos gatos existem no mundo? Bilhões. Quantos outros tipos, formatos e cores de gatos podem existir ainda? Outros bilhões. Mas há um limite. Se o gato, em vez de miar, relincha, ou rosna como um leão, você entenderá que é um gato fantástico, é outro tipo de coisa. Como aquele coelhinho do Monty Python: coelhinho que era um animal feroz, atacava todo mundo como se fosse um leão. O coelhinho do Monty Python é um coelhinho como qualquer outro, só que ele não se comporta como um coelhinho. Por que você dá risada quando aquilo acontece? Porque você sabe que a ação daquela criatura não combina com o seu formato. Essa harmonia intrínseca das formas nós percebemos desde o primeiro instante, porque, se não percebêssemos no primeiro instante, jamais poderíamos perceber depois.

Nós não podemos construir essa harmonia por indução: para se fazer uma indução, você precisa ter os elementos, e esses elementos têm de ser percebidos! Se você os percebesse apenas como formas vazias, você nada poderia concluir deles na indução. Portanto, a forma substancial das coisas é a primeira coisa que você capta. Você pode se enganar? Claro, porque no mundo existem coisas que são parecidas. Não é um problema do seu cérebro, não é algo em sua mente que está errado. O mundo tem um monte de coisas equívocas. Esses animais, por exemplo, que se camuflam na folha: qual é o problema de você olhar um negócio e pensar que é uma folha, quando na verdade é um inseto, se o inseto é realmente parecido com a folha? Nós nos equivocamos, em parte, porque as próprias aparências das coisas são equívocas. E o mundo das aparências não é tão estável, ele está toda hora mudando.

Mas, note bem: o que você apreende, você apreende como forma substancial. Isso corresponde exatamente à estrutura real das coisas. Se não fosse assim, o número de erros que nós cometeríamos na percepção seria tão monstruosamente esmagador, que a humanidade não teria durado mais de duas ou três gerações.

Como é possível que, desde esse profundo e intenso senso de realidade que nós temos naturalmente, chegássemos até as filosofias cépticas que negam que você conheça qualquer coisa? Como são possíveis essas filosofias? Essas filosofias são possíveis porque a atividade filosofante ou raciocinante é aí exercida separadamente de todo compromisso com a realidade da experiência do próprio sujeito que está fazendo o discurso filosófico. Lembrem-se da famosa pergunta de Aristóteles, que eu citei: se não existe realidade, por que é que, quando você faz uma viagem, você de fato vai até o lugar, em vez de só sonhar? Se não existe realidade objetiva, você poderia sonhar que foi de São Paulo para o Rio de Janeiro, e estaria realizado. Como é que você percebe a diferença entre sonhar com uma coisa e vivenciá-la realmente, se não existe

realidade nenhuma? Se nós não tivéssemos conhecimento objetivo da realidade, essa distinção seria absolutamente impossível.

A existência de filosofias céticas expressa duas coisas: primeiro, a possibilidade de erro no conhecimento.

Essa possibilidade de erro não está apenas em nós, está no próprio tecido ambíguo da realidade, onde, com uma frequência enorme, as coisas se parecem umas com as outras. Você pode ver isso sem nenhuma análise lógica, por simples observação dos fatos. A minha filha Inês, quando era pequenininha, tinha uma lógica própria, que ela mesma inventou. A lógica tinha quatro categorias: tinha o “parece, mas não é”; tinha o “não é, mas parece”; e tinha o “nem parece, nem é”; e o “parece e é”. Tudo ela classificava nisto aí. De onde ela pegou isto? Pois as coisas são assim! Não foi uma estruturação que ela fez; ela foi captando o próprio mundo das aparências, onde as coisas parecem, mas não são; parecem e são; nem parecem, nem são; ou são e parecem que são. Essa distinção entre o ser e o parecer não está só na nossa mente. A própria realidade sugere isso, porque a realidade é variada, múltipla, ilimitada e mutável. Isto quer dizer que a própria realidade não chega para nós com nitidez.

Então, como eu poderia ter tanta nitidez no conhecimento, se eu estou em um mundo equívoco? Veja o formato das nuvens: está mudando o tempo todo... o tempo todo... Veja as coisas que se movem sacudidas pelo vento, ou que mudam de aparência conforme o clima. Isso está acontecendo o tempo todo para nós. Veja também as coisas que mudam de aparência conforme a posição que você ocupa no espaço, conforme o seu movimento.

Nós realmente percebemos, pelos sentidos e pela imaginação, as formas substanciais das coisas. Quando percebemos errado, pode ter sido um equívoco nosso (dei a uma coisa em o nome de outra, vi uma coisa sob o formato de outra), mas pode ser que haja ali uma semelhança efetiva. Tudo isso já está mais ou menos descontado no próprio processo normal da imaginação. Se você disser: “Quando nós sonhamos, nós estamos inconscientes. Eu sonhei com uma vaca...” Eu digo: como você sabia que era uma vaca? Por que não era uma minhoca? No seu sonho, você estava suficientemente acordado para saber que uma vaca é uma vaca. E quando você mistura coisas que não são misturáveis? Por exemplo, você pega uma casa, a casa em que você mora, e coloca noutro lugar. **[01:00]** Você sonha que o mundo acabou e sobrou só a sua casa. Então, quando abre a porta, dá para o nada. Ora, você sabe que a sua casa é a sua casa e que o nada é o nada (que o espaço vazio é o espaço vazio); você sabe as duas coisas. Se não soubesse, não sentiria nenhuma diferença entre abrir a porta e sair para a rua ou e abrir a porta e sair para o nada. Portanto, o reconhecimento das essências, que são os aspectos estáveis das formas substanciais, é imediato e acontece também no sonho. Graças a isso, você entende que as coisas têm uma identidade e, portanto, uma unidade.

Ora, o que é a lógica, por outro lado? É a unidade do seu pensamento, não a unidade das coisas. Agora, uma coisa é a unidade que as coisas nos apresentam por si mesmas. Qualquer objeto que você veja, qualquer ser, qualquer entidade que chegue ao seu conhecimento tem sua forma substancial, sua estabilidade, e vai perseverar nessa estabilidade de acordo com a sua natureza. Se é um animal vivo, você sabe que ele vai crescer, desenvolver-se, declinar e morrer. Ele vai mudar, mas dentro de uma pauta que é até repetitiva, algo que vai acontecer com outros. É como se fosse um algoritmo, uma sequência de transformações, mas que já está programada. Isso você sabe porque vê diariamente. Tudo aquilo que você percebe é assim.

Lembrem-se da noção do círculo de latência: perceber coisas não é perceber apenas formas estáticas. Se você percebesse apenas formas estáticas e acabadas, estaria num mundo de alucinação. Perceber uma coisa é perceber o potencial que ela tem de agir ou de sofrer a ação. Isso você vê nas coisas mais mínimas: eu estou vendo, por exemplo, uma estante de livros e um copo. Eu sei que a estante foi feita para comportar livros e o copo para comportar líquidos. Se eu tentar colocar líquidos na estante e livros dentro do copo, não dará certo. Se eu não sei isso, não percebi o copo nem a estante. Então, mesmo com objetos inertes, você sabe quais são as ações que eles admitem.

E se você vê um simples objeto da natureza, uma pedra? O que dá para se fazer com a pedra? É tanta coisa que dá para se fazer que, na hora, você não percebe nada (mas você sabe disso). Você pode jogá-la na cabeça de um sujeito, construir uma casa com ela, fazer uma estátua, pode um monte de coisas (com pedra, com madeira etc.). É por isso que nós chamamos essas coisas de matérias-primas, porque elas admitem muitas transformações. Por outro lado, aquilo que já foi transformado, que já sofreu uma ação, tem suas possibilidades de ação reduzidas – cada ação que o objeto sofre limita as possibilidades de outras ações. Se eu pegar a madeira dessa estante, desmontar e fizer uma mesa, depois desmontá-la para fazer uma cadeira, eu vou desmontando até chegar uma hora em que picotei a madeira de tal forma que fica difícil trabalhar com ela. Do mesmo modo, a pedra: suponha que você a esculpiu e fez um nu artístico. Agora pegue isso aí e transforme num elefante (vai ter de ser um elefante pequenininho). Agora você transforme o elefante num dragão; depois, numa serpente. Depois que você transformar em serpente, será difícil transformá-la em qualquer outra coisa, a não ser que seja uma minhoca ou uma serpente menor.

Os objetos que estão dados pela natureza caracterizam-se pela multiplicidade das ações que podem praticar ou sofrer, ao passo que os objetos que foram já transformados pela ação humana têm uma limitação, têm uma estabilidade que lhes é própria. Nós percebemos isso imediatamente: quando você vê um gato, sabe que ele pode dormir, andar, pular, comer, pode fazer um monte de coisas. Quando você vê uma casa, sabe que ela não pode fazer nada disso. Pergunto eu se alguém, algum dia, já teve percepções sensíveis desacompanhadas disso, e se, para perceber essas coisas, teve de acrescentá-las por raciocínio à percepção. Quantas vezes, para eu perceber que uma casa não sai do lugar, tive de acrescentar isso à percepção da casa por experiência:

olhar uma casa, duas casas, três casas e falar “é... faz anos que elas estão aí.”? Não, eu percebi isso na primeira!

Isso quer dizer que, nesse mundo das percepções e das imagens, a quantidade de conhecimento é algo imenso. Mas é como se fosse uma coleção de figurinhas em que um sujeito pegou 400 álbuns, misturou as figurinhas todas e soltou ali, esse é o problema. É só uma questão de você organizar aquilo.

Essa idéia hoje corrente de que há o inconsciente e de que o consciente é uma coisa totalmente diferente, ou de que o consciente é apenas uma superfície, primeiro, confunde consciência com ego.

O ego é uma criação da consciência, uma estabilização narrativa da consciência e, evidentemente, não contém toda a consciência, mas apenas aquela parte em que a consciência é capaz de narrar para si mesma. Mas quanto você pode narrar? Nossa capacidade narrativa é imensamente limitada em comparação com a capacidade perceptiva e imaginativa. Eu, por exemplo, sou capaz de inventar as histórias mais mirabolantes, mas por que não sou um Dostoiévski ou um Thomas Mann? Eu não consigo estabilizar aquilo na minha mente o suficiente para poder escrever. Um romancista faz isso, ele inventa as histórias e as repete na mente até conseguir escrever. É apenas uma diferença do foco de atenção consciente.

Ao longo da minha vida, tudo o que eu treinei, tudo o que aprendi, foi para estabilizar certas coisas, então eu presto atenção por mais tempo em certas coisas, e não nas histórias que eu mesmo invento, porque, se eu fizesse isso, seria um novelista, um romancista. Frequentemente, nos sonhos e nos devaneios, aparecem combinações verbais extraordinárias. Eu, em sonho, já escrevi “Os Lusíadas” de Camões e todas as peças de Shakespeare. São combinações verbais maravilhosas, só que depois eu não me lembro delas. Mas o Bruno Tolentino se lembrava, Shakespeare se lembrava, Goethe se lembrava, essa é a diferença. Tudo sai desse mundo da imaginação, isso é uma coisa de uma riqueza extraordinária!

Mas se nós acreditamos que a consciência é apenas uma superfície que vem em cima disso tudo, eu pergunto: como é que eu preenchi tudo isso de conhecimento, sem ter consciência? Se essas coisas chegam a mim, seja através da percepção, seja através do sonho, é porque eu tenho consciência delas. E até aqueles elementos mais profundos – vamos supor que existam mesmo aqueles sonhos que expressam desejos reprimidos etc. etc. – como é que eu consigo expressar um desejo reprimido sem ter consciência do próprio desejo? Eu tenho consciência dele sob aquela forma; não tenho consciência diferenciada, mas tenho. **[01:10]**

Vamos supor que você sonhe com uma ex-namorada que você não vê há vinte anos, sonhe que vocês estão namorando etc. Você queria isso, mas sabe que é impossível, e aquilo aparece no sonho exatamente como tal. Então, como é que se vai dizer que isso é inconsciente? Se é inconsciente, não pode aparecer no sonho: o sonho é consciência. A única coisa que é inconsciente seria o sono profundo. Em estado de sono profundo você não sonha com absolutamente nada, aí você está inconsciente, só nesse momento. Mas se você sonhou, se

teve alguma forma de atividade onírica, isso é consciência – uma forma de consciência incipiente e caótica, mas todo o material da sua consciência vem daí. Daí a extrema importância de aprendermos a lidar com esse material.

Por outro lado, nós também vivemos na sociedade humana, então temos de adaptar nossa conduta ao que o ambiente em torno permite. Portanto, tenho de aprender uma série de códigos, de técnicas, de exigências que me adaptarão ao meio. E, freqüentemente, a atenção concedida a esse aprendizado exterior é tão grande e tão intensa que você não tem tempo de pensar no material que vem da sua própria alma, que vem de dentro de você mesmo. Então você vai conceder menos atenção a essa atividade onírica. E se você dá menos atenção, o que acontece? As coisas continuarão seguindo o seu curso, você continuará elaborando esse material, só que você vai fazer isso sem atenção. E depois vai dizer que é inconsciente? Inconsciente uma pinóia! São aqueles momentos em que você está olhando para o vazio, está pensando em alguma coisa distante daquela situação e, de repente, você acorda e já não lembra mais no que estava pensando. Ah, era inconsciente? Se era inconsciente, como é que você estava pensando? Você está apenas transitando entre diferentes modalidades de consciência: a consciência focada e a consciência dispersa.

A consciência focada só existe como uma seleção operada dentro da consciência dispersa; ela não é uma outra consciência. É dentro do material da consciência dispersa que você escolhe outro ponto no qual prestar atenção. Mas se você matar a consciência dispersa, acabou-se, não há mais nada para se pensar. E isso hoje é uma doença que está espalhada epidemicamente. O sujeito fez tanta força para se adaptar a uma racionalidade organizada da vida exterior que ele não sabe mais fazer a transição entre a sua consciência dispersa e a sua consciência focada. Então, ele faz o possível para não prestar nenhuma atenção à sua consciência dispersa e, portanto, ela passa a funcionar como se fosse um elemento separado.

O número de pessoas que eu conheço que tem medo da própria imaginação é um negócio assombroso. Se deixam a imaginação funcionar um pouquinho, elas sentem que ficaram loucas, porque só se reconhecem naquelas rotinas mentais necessárias para a sua adaptação ao mundo externo e não se reconhecem nos seus próprios pensamentos, no próprio material da sua alma. Elas não querem chamar isso de “eu”. O que está errado aí? Ficou tudo inconsciente? Não, a história do eu foi escrita errado. Elas limitaram demais a história do seu eu e estão tentando vestir esse eu como uma camisa de força. Estão chamando de eu só um pedacinho, em vez de incorporar o máximo possível ao eu. Por isso dizia o Dr. Müller que a psicoterapia não age sobre a psique, age sobre o eu. Fazer uma psicoterapia é reescrever a história do eu.

Ora, o que nós estamos fazendo aqui não é uma psicoterapia, mas estou-lhe dando materiais e elementos para você reescrever a história do seu eu do seu jeito, não uma vez, mas cem vezes, mil vezes. Se for preciso, refazer isso diariamente. Porque uma coisa é o eu como palavra que designa uma pessoa real. Por exemplo, quando falo que eu estou aqui sentado dando uma aula para

vocês, esse eu é o eu real e substantivo, que existe objetivamente. Outra coisa é o eu subjetivo, aquilo que reconheço como eu.

Eu – eu, concretamente, o Sr. Olavo de Carvalho – há muito tempo estou acostumado a reconhecer como atividade minha tudo o que me vem à cabeça, não renego nada. Aceito os meus pensamentos e confesso para mim mesmo que estou pensando aquelas coisas, por idiotas que sejam – idiotas, malignas, imorais, estúpidas. É a minha cabeça que está funcionando. Eu não tenho medo de imaginar, porque sei que imaginar não é fazer. Mas as pessoas podem dizer: "Ah, mas você está incentivando as pessoas a cultivar qualquer ilusão ou desejo ilusório que elas tenham". Mas não, porque, para você entrar no desejo ilusório, é necessário que você estabilize a atenção. Se um sujeito, por exemplo, começa a ter uma tentação de comer a mulher do vizinho. Isso é atividade livre da imaginação? Não, ao contrário, a imaginação ficou presa numa certa imagem e volta, e volta, e volta. O que é que produz isso? O eu. A sua imagem do eu privilegiou um certo elemento, pois aquele elemento lhe interessa. O interesse sexual é uma coisa poderosíssima, é como o interesse financeiro, ou qualquer outro interesse. Não é a imaginação espontânea que faz isso, mas o eu. O eu faz as escolhas e gruda nelas.

A imaginação espontânea jamais faria uma coisa dessas. Por exemplo, na imaginação espontânea você imagina que está comendo a mulher do vizinho, daí aparece o vizinho armado de uma espingarda de calibre 12 e te acerta um tiro: essa parte da história você não quer imaginar, então você a afasta. Mas se você deixar a imaginação espontânea funcionar e simplesmente reconhecer o que ela está lhe dando, você verá que sabe muito mais do que imagina. Se você conta para um amigo que quer comer a mulher do vizinho, ele lhe dirá: "Você é louco? Com tanta mulher no mundo, por que tem de ser exatamente essa?" E o que a sua imaginação lhe dirá? A sua imaginação lhe apresentará milhões de mulheres lindas, é só você querer. Que formato você quer? Gordinha, magrinha, alta, baixa, branca, preta, japonesa, o que você quiser. A sua imaginação espontânea está constantemente lhe dando novos materiais.

É o seu eu, o seu ego que fixa em função das suas escolhas. Não procure uma causa para isso! As pessoas que procuram causa para tudo que acontece na alma delas estão completamente enganadas, porque o que define o ser humano é a sua capacidade de ser causa. **[1:20]** Se nós não fôssemos causas, se em tudo o que nós fazemos houvesse uma causa por trás de nós, então estamos supondo que existe atrás de nós uma força decisória com uma vontade mais firme do que a nossa, e uma consciência mais clara do que a nossa, que nos está mandando fazer aquilo.

Decisão é uma coisa que se opera no nível da consciência. Decisão inconsciente não existe. Se você tomou uma decisão inconsciente, ela permaneceu inconsciente e você não vai fazer absolutamente nada. Decisão e escolha são processos conscientes. As nossas decisões, as nossas escolhas, são causas de fatos. Nós produzimos fatos, nós somos causas. Então, qualquer tipo de psicologia que pretenda dissolver essa noção do homem como força agente, para dissolvê-lo em supostas causas que o fazem agir assim, está fugindo da realidade completamente. É a afirmação que eu quero discutir na

outra aula: “Ah, ele é assim geneticamente, ou foi por causa da educação.” A natureza e a cultura somadas não podem obrigar o sujeito a fazer isso. Por exemplo, um sujeito mata o outro. “Ah, ele é assassino por genética ou por influência cultural.” Eu posso somar os dois, a natureza e a cultura não vão matar ninguém. Então, esse momento decisório em que o sujeito torna-se autor, esse é que é o decisivo. E isso é o que, justamente, nós chamamos de liberdade humana.

Praticamente todas as escolas de psicologia que existem tentam negar isso, porque isso é quase desesperador. Se você tenta alcançar um controle científico da realidade, você quer uma garantia contra o caos e uma garantia contra a liberdade. Se eu me convencer a mim mesmo de que estou geneticamente predisposto a fazer isso ou aquilo, e que terei de fazer aquilo necessariamente, eu não preciso me preocupar em decidir, não há dúvida quanto ao que eu vou fazer. Mas a dúvida, a hesitação, a escolha, etc. são as coisas mais presentes na vida humana. É incrível como camaradas que se julgam cientistas negam a existência de um fato experimental tão óbvio: você não é obrigado a fazer o que está fazendo, você não é obrigado a fazer praticamente nada! Você pode até se matar, não pode? Então, isso quer dizer que absolutamente tudo o que você faz foi você quem escolheu. Você não escolhe o que lhe acontece, evidentemente, mas você escolhe o que fazer diante do que lhe acontece. Isso significa que a sua decisão não tem uma causa que esteja por trás de você, não há uma linha causal que vem, vem, vem, passa por você e continua. É claro que isso existe, em outros aspectos, mas não ao ponto de eliminar você mesmo como agente causal.

Reconhecer o ser humano como agente causal, agente gerador de fatos e situações, é a condição número 1 de uma psicologia que se pretenda científica. Se você não tem isso, não vai conseguir sequer distinguir entre o que você fez e o que lhe aconteceu. Se você nunca fizesse nada, se tudo sempre tivesse alguma causa que fosse além de você, você não poderia distinguir essas causas. Mas o fato é que você consegue distingui-las. Por exemplo, eu estou andando na rua e cai um tijolo na minha cabeça. Eu sei que não fui eu que fiz isso. Como é que eu sei? Porque tem alguma coisa que eu fiz, e eu sei distinguir. Se alguém vem e bate em você, como é que você sabe que não foi você que bateu nele? Como é que você faz essa diferença entre o fazer e o padecer a ação? Qualquer um sabe dessa diferença! Quando você é bebezinho, você já sabe. Se tem dois bebezinhos, um dá um tapa no outro, e o outro dá um tapa no um, é porque eles sabem a diferença entre dar e levar um tapa, ou não sabem? Um cachorro sabe disso! A diferença, por exemplo, entre morder e ser mordido. Meu filho Thales, quando era pequeno, tinha um cachorro chamado Bidu. Ele discutia com o Bidu e o mordia quando o outro não concordava com o argumento dele. Tanto ele entendia isso, quanto o Bidu entendia perfeitamente também. Só que nós somos capazes de fazer essa distinção num número muito maior de casos do que um cachorro poderia fazer.

Tanto nós podemos nos compreender a nós mesmos como sujeitos agentes, que nós somos capazes de fazer um negócio chamado plano. Se o homem não é uma força agente, se tudo o que ele faz é causado por forças externas, como é que ele pode fazer um plano? Por exemplo, eu vou investir um dinheiro aqui,

daí vai dar tanto, eu transfiro meu capital daqui para lá e... vou ficar rico. Tem um monte de gente que faz isso. Como é que eles podem fazer um plano se tudo que eles fazem é causado ou pela natureza, ou pela cultura?

Se não reconhecemos o ser humano como força agente e, portanto, como uma causa por trás da qual não há mais nada – o ser humano como começo, como princípio –, se não aceitamos isso, então nós estamos vivendo no mundo da Carochinha. E esse mundo da Carochinha é uma boa parte da psicologia contemporânea.

Noutra aula eu li para vocês um texto do Kurt Lewin. Eu não conheço as obras completas do Kurt Lewin mas, tudo o que dele eu li sobre educação, é sempre um sujeito educando o outro: a educação como influência recebida de fora. Que raio de educação é essa em que não existe aprendizado? Porque quem é o sujeito do aprendizado é o cara que está aprendendo, não o sujeito que está ensinando. Se não existe aprendizado, a educação é inútil. Se você pegar um retardado mental, QI 12, e tentar ensinar o sujeito a falar grego, não vai dar. Ainda que você exerça toda a influência do mundo, o receptor dessa influência não é só receptor, ele é agente também. E no aprendizado o aluno é o único agente, na verdade. O professor pode criar as circunstâncias, pode dar as oportunidades, mas, se você não quiser aprender, não tem jeito. O mundo da educação tal como concebido por Kurt Lewin é um mundo onde pessoas infinitamente espertas – como ele próprio – programam a cabeça de idiotas, que aceitam tudo passivamente. Mas para aceitar, até "passivamente", você precisa ser um sujeito agente! Então, para compreender o processo educacional, nós temos de partir não da influência de uma pessoa sobre outra, mas da noção do aprendizado. E o aprendizado, o que é? É aquilo que *eu* busco conhecer. Mas isso é uma das coisas mais difíceis da psicologia contemporânea (com a psicologia teórica, porque, no campo da psicoterapia, as pessoas sabem fazer as coisas direitinho. Qualquer psicoterapeuta sabe que não vai moldar a cabeça do seu paciente direitinho: tudo o que sugeriu, o paciente pode aceitar ou não aceitar. **[01:30]** E, se a influência estiver ficando muito avassaladora, o paciente simplesmente diz: "Não pago mais!", acaba a psicoterapia e vai embora. Pelo menos essa margem de ação ele tem). Na prática, a psicoterapia desmente diariamente todas as teorias psicológicas que circulam por aí. Quando, passados mais de cem anos, a discussão entre natureza e cultura ainda é o tema predominante, conclui-se que os psicólogos ainda não descobriram pessoas, e que as pessoas manipulam os dados da natureza e da cultura de acordo com uma escolha que elas fizeram.

No curso destas aulas, eu tenho dado a vocês algumas práticas, mas eu não digo simplesmente: "Pratiquem, que vai dar certo. Vocês vão entender depois." Eu estou dando alguma explicação a respeito, uma parte da teoria também. Mas isso tem alguns limites, pois, em qualquer aprendizado prático, o conhecimento a ser transmitido não se esgota na teoria; ele tem uma outra parte que é, por assim dizer, intransmissível, que só se realizará na própria prática.

Se eu estou dando um curso de ginástica e explico para vocês toda a relação entre alimentação, movimento e desenvolvimento muscular durante seis

meses, os seus músculos aumentarão? Você ficará mais forte? Não. Você sabe perfeitamente a diferença entre ler essas coisas em um livro e sentir na prática que está ficando mais forte. Aqui no curso é a mesma coisa. Eu posso explicar até certo ponto, mas daí para adiante existe um salto, e esse salto só pode ser dado pelo aluno, ou seja, ele vai ter de experimentar aquelas coisas uma, duas, três, dez, vinte vezes, para ele perceber o que está acontecendo. Então existe aí um jogo similar – guardadas as devidas proporções, porque o Zimmer está falando da prática religiosa, na qual há coisas que realmente você não entenderá, você terá de aceitar, e, se aceitar, entrará na famosa regra *crede ut intelligas* (crê para entender), que significa que, se você acredita e faz aquilo, mais tarde, retroativamente, você entenderá. Mas o nosso nível de exigência não é esse, nós não daremos um salto no escuro como este.

Em todos os casos – tanto no nosso quanto no aprendizado religioso – nós hoje nos chocamos com o estímulo social que existe à discussão e desconfiança em relação a tudo. Hoje, qualquer garotinho de doze anos pode lhe exigir provas de tudo, inclusive de coisas que estão além da experiência dele e que ele sequer pode compreender. Isto aí é o raciocínio bloqueando a própria experiência. Você se priva da experiência porque tem medo, desconfiança, pensa que há uma coisa maligna por trás dela. Curiosamente, quando uma pessoa fica assim, ela desconfia apenas das coisas que podem lhe fazer bem, e não das que podem lhe fazer mal. O pessoal experimenta maconha, cocaína, e inclusive reclama: “Como você pode falar mal da cocaína sem jamais tê-la experimentado?”

Eu lhe proponho fazer o exercício do necrológio, que eu passei no começo do curso, várias vezes. Faça isso várias vezes e você verá que a compreensão que você tem da sua vida vai, aos poucos, se unificando. “Ah! Você está com treta! Está querendo me enganar, me manipular!” Aí eu tenho de dizer: Haja saco, porra! Isso acontece por causa de um traço permanente da cultura moderna, que é essa desconfiança.

Quem tinha toda razão nesse ponto era Hegel, que dizia que o medo de errar, na maior parte dos casos, é o medo da verdade. Por quê? O que significa o errar? Significa que você vai pensar uma coisa de um jeito que ela não é. Mas se você não pensar nela de um jeito que ela não é, você não vai conseguir chegar no que ela é. Para que o seu raciocínio lógico chegue a moldar-se à variedade do real até o ponto de dizer como as coisas são, é um longo caminho. Você percebe como as coisas são, mas percebe no nível das percepções e da atividade onírica, ou seja, são percepções fugazes. Ao tentar estabilizá-las, você impõe uma forma lógica inadequada e passa a acreditar nesta forma lógica em lugar de acreditar na sua experiência. Você se apega àquilo e se fecha para novas percepções, e aí acabou!

Isso quer dizer que a transição da percepção e imaginação para o discurso lógico deve ser feita delicadamente, com muito cuidado, e ao longo do tempo. O que distingue um grande filósofo como Aristóteles de um imbecil qualquer, digamos, alguma pessoa dos ministérios do Lula? Aristóteles tinha mais QI? Não sabemos. Eu sei o seguinte: leia nas obras de Aristóteles a multidão de coisas e de fatos que ele percebeu, note a sutileza com que ele percebe os

seus próprios processos mentais, que são iguais aos nossos – aquilo que ele percebeu e escreveu nós também percebemos, mas percebemos e passamos adiante. Aristóteles se permitia perceber estas coisas sem ficar assustado e desorientado por elas, porque ele não exigia compreender imediatamente, e este é o grande problema: antes de compreender é preciso saber. É a coisa mais óbvia do mundo! Se você já quer explicações no começo, você não vai saber nada.

Condição número um do aprendizado: abrir-se a uma multidão de fatos externos e internos que você não compreende de maneira alguma, sabendo que só será possível compreender uma parte e, desta parte que você compreender, só será possível explicar uma parte ainda menor, que é exatamente o que estou fazendo aqui. O dia que você entender que é assim e que os outros também são assim, você vai perceber que os outros estão percebendo um bocado de coisas, e que você, de fato, não precisa explicar tudo, porque eles também têm cabeça e podem compreender. Assim você sai da ilusão do Kurt Lewin, que acha que é preciso programar a cabeça dos outros.

Uma das coisas que acho mais engraçadas na obra dele é quando ele diz que sua obra é uma obra de engenharia social, para programar as pessoas a viver em uma sociedade democrática e ter uma mentalidade democrática, e não uma mentalidade ditatorial. Mas quem autorizou o programador a fazer isto? Nós votamos isto democraticamente? Não, o sujeito vem e molda a sua cabeça ditatorialmente e, dali em diante, você passa a ser democrático. É claro que é uma estupidez monumental. Mas veja que esses métodos foram adotados em toda a Europa **[1:40]**, e o que aconteceu? Os europeus simplesmente perderam o gosto de viver. Eles querem morrer. Ontem eu estava vendo um documentário sobre o número de crianças que nascem, que não é suficiente nem para repor a população. Porque eles estão querendo morrer! Foram programados para ser cidadãos da sociedade democrática. Mas foram programados democraticamente? Claro que não. Não foram nem consultados. Toda essa programação colocará limitações mentais nas pessoas. As pessoas têm medo até mesmo de certas palavras.

Esta semana eu li que foi lançada uma campanha, através de um menino, pela proibição da palavra *nigger*. Ele é apenas um menino, mas quem botou essa idéia na cabeça dele deve ser ainda mais pueril. O que significa proibir uma palavra? Significa que ela não vai mais ser usada? Mas se ela não pode ser usada, como vou saber que ela está proibida? Alguém precisa me dizer a palavra *nigger* para me informar que ela está proibida. Mas não pode falar! Então o que você fez? A palavra *nigger* só pode ser usada como referência a uma outra palavra *nigger*, de uma má intenção que nós não temos. Mas como é que vou saber que má intenção é essa, se eu não sou capaz nem de imaginá-la? Quer dizer, pegaram uma palavra e, em cima dela, colocaram outra camada semântica; agora *nigger* só pode ser usada como metalinguagem. Mas metalinguagem do quê? Todo mundo sabe o que significa esta palavra? É o pejorativo de *black*. É como os senhores de escravos os chamavam. Eles diziam – e os próprios negros dizem – "*nigga*". *"Nigga"* é um comentário irônico (quando um negro chama-se a si ou a seus amigos de nigga, ele está fazendo

um comentário irônico ao termo que um branco usaria pejorativamente contra ele, ou seja, atribui à palavra uma segunda camada). Se eu proíbo a palavra *nigger,* proíbo também a palavra "*nigga*"? Como vai ser isso? Saiu uma pesquisa na *America On-Line* segundo a qual 66% das pessoas aprovavam a campanha. Então, qual é a palavra proibida? Ahn... Não me lembro mais, não posso falar. É assim?

Como é possível que pessoas supostamente racionais, cultas e adultas, chegarem a tal nível de incompreensão da linguagem humana? Na verdade não é uma incompreensão, é uma geração premeditada de impedimentos mentais; é um processo de estupidificação planejada. O sujeito que aceitar a proibição de uma só palavra está liquidado! Toda vez que ele usar um eufemismo – aqui eles dizem *"the N word"* , ele sabe a que ele está se referindo. Então não pode falar mas pode pensar. Então complicou formidavelmente.

Ora, é óbvio que o problema não está na própria palavra, mas no uso sociológico que uma camada fez dela, para lhe dar um sentido pejorativo e humilhar pessoas. É isso que tinha de ser eliminado, não a palavra! Eu não consigo me imaginar utilizando a palavra *nigger* como pejorativo, a não ser como piada. Mas se é piada, a intenção é invertida. Se o número de pessoas dispostas a utilizar a palavra pejorativamente diminui, então a palavra continua em circulação como referência a uma época histórica em que ela usada como pejorativo, e só! A palavra se tornou totalmente inofensiva.

Mas eu tenho realmente pensado em como se faz para proibir uma palavra. Uma palavra pode sumir de circulação, as pessoas podem deixar de usá-la, porém, para a proibição continuar vigente, é necessário que o uso da palavra continue vigente também. Imagine qualquer termo pejorativo antigo que tenha caído em desuso. Se você baixar um decreto dizendo que a palavra é proibida, o quê você fez? Você a repôs em uso. Vejam até que ponto esse pessoal da engenharia comportamental, engenharia psicológica, pode colocar uma espécie de tabique entre a consciência de vigília, a imagem do eu, e a realidade da vida psíquica do sujeito. A imagem do eu realmente se transformou em uma camisa de força , em que o próprio sujeito se prende, amarra e joga a chave fora. Hoje em dia, isto acontece com uma freqüência extraordinária, e torna as pessoas monstruosamente frágeis, porque elas têm medo até de pensar.

*Aluno: Escrevo porque estou tendo dificuldade em me situar dentro do curso. Me explico: antes de entrar no curso, já tinha investigações filosóficas próprias, que desenvolvi durante uma graduação em Filosofia na UnB, e agora continuo num mestrado em Berlim e aprendo muita coisa nesse curso on-line que auxilia em minhas meditações. Tenho desenvolvido também bastante a consciência de exatamente onde a minha formação está deficiente. Entretanto, a continuação das minhas investigações próprias me faz sentir deslocado do seu curso, especialmente quando ouço as suas admonições de que a erudição filosófica e o estudo das questões técnicas da filosofia ficarão para depois, que o nosso foco deve ser em adquirir os instrumentos necessários para a filosofia.*

*Você tem alguma uma dica de como conciliar o curso com esse outro interesse paralelo em filosofia?*

Olavo: Eu não tenho uma fórmula mágica para isso, porque, nos cursos que você fez, essas questões filosóficas têm um modo protocolar de ser tratadas, ou seja, como questões profissionais, que dizem respeito a uma certa comunidade acadêmica, ao passo que aqui nós estamos tentando arraigar a prática filosófica o máximo possível na pessoa real e concreta, considerada independentemente da sua identidade profissional. Na verdade, não é independentemente, mas englobando essa atividade profissional apenas como uma parte dela, uma parte limitada e deficiente.

Tudo depende de você se tornar realmente independente desses critérios que são usados nos cursos que você fez. Você não pode tentar levar suas investigações pelo lado que eu estou propondo **[1:50]**, que é, primeiro de tudo, o arraigamento da questão na sua personalidade real, consciência real e na sua história real, e, ao mesmo tempo, ficar especulando estas mesmas questões com conceitos totalmente aprendidos de fora, e que às vezes têm pouca significação para você mesmo; não será possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. O que você terá de fazer será dissolver todo este material aprendido dentro de uma nova síntese que você mesmo terá de criar.

Não pense que eu também não tive esse problema. Eu, por exemplo, um dia tive de estudar lógica, filosofia da linguagem, aquela coisa toda, e só pude estudar nos livros que existiam, e, muitas vezes, eu via que aquilo tudo ia tão contra a minha experiência, que eu pensava como eu poderia praticar o método daqueles caras, se os métodos negam a própria realidade. Por exemplo, quando Ferdinand de Saussure diz que o significado de uma palavra é apenas a diferença entre ela e todas as outras. Isso é um problema, pois, quando eu vou ao supermercado e quero comprar uma salsicha, como é que eu vou saber a diferença entre uma salsicha e tudo mais? Me diga qual é a diferença entre uma salsicha e um aspirador de pó. Você precisaria ser melhor que William Shakespeare para explicar uma coisa desta. Eu não sei dizer a diferença, mas eu sei que posso até tentar comer o aspirador de pó, mas não vai funcionar, mas a salsicha eu posso comer. Eu não sei a definição de um e não sei a definição de outro, e sei que posso conhecer um objeto sem precisar saber a diferença entre ele e todos os outros, o que seria inteiramente absurdo. Aonde que o sentido de uma palavra é a diferença entre ela e todas as outras? Só na cabeça de um sujeito que conhecesse todas as palavras do dicionário e mais algumas, e, ao pensar cada uma, ele pensasse todas as diferenças juntas. De que ele está falando? De absolutamente nada! Isto é uma empulhação! Então eu não posso usar o método do Saussure, mas eu posso reinseri-lo no meu, como um erro que examinei, superei e fui adiante. É o que você vai ter de fazer.

Meu conselho: tenha coragem, não tenha medo de fazer isso. À medida que você vai adquirindo uma consistência maior como pessoa responsável, adquirindo um senso de responsabilidade que transcende infinitamente a honestidade acadêmica, você pode inserir a honestidade acadêmica dentro deste outro corpo de exigências mais alto, e é exatamente isto que você deve

fazer. Em suma, você vai ter que ser melhor que esses caras que estudam com você, ou que seus professores, mas muito melhor! E eu espero que seja mesmo.

*Aluno: Gostaria de ouvir seu parecer sobre os estudos sobre o marxismo e o espírito revolucionário feitos por Leszek Kolakowski.*

Olavo: Kolakowski começou como um importante filosofo marxista na Polônia, e que, depois, percebeu como as coisas eram e escreveu um livro fabuloso que se chama “As Correntes Principais do Marxismo”. Eu acho este livro absolutamente indispensável, quem quiser conhecer o assunto deve estudá-lo. Agora, o problema com o Kolakowski foi que, na hora em que ele abandonou o marxistmo, o seu mundo caiu. Ele caiu em uma espécie de pessimismo total que beira até o ceticismo – há um livro dele que se chama “O Horror Metafísico”, e assim por diante. Ou seja, tudo o que você pode aproveitar da obra dele é a crítica ao marxismo. Ele também escreveu um livro muito interessante sobre Edmund Husserl, no qual ele tenta demonstrar – o que só consegue parcialmente – a inviabilidade do método de Hussserl. Ele ficou sem o marxismo e tentou resolver o seu problema com a fenomenologia, então estudou-a e viu que também não resolvia. O fato é que o marxismo lhe tinha prometido demais; tinha prometido uma ciência universal da história, que iria lhe dizer exatamente de onde as coisas vieram, para onde elas estão indo e o que você tem de fazer. Quem quer que lhe prometa isto está o enganando. Se você se desiludiu com isso, por que você tem de procurar uma certeza deste tamanho? Esse é o problema.

Quantas certezas nós precisamos ter para fundamentarmos a nossa vida? Pouquíssimas. Você não precisa de um sistema inteiro de certeza a respeito de tudo e mais alguma coisa, mas, se você foi mal acostumado pelo marxismo, assim que largá-lo, você vai começar a procurar uma coisa desse tipo. Você vai procurar uma coisa assim na religião? Mas como? Você entra na Igreja Católica e eles só falam de mistérios. São coisas que eles também não estão entendendo, são fatos que eles não entendem. Ou seja, nem a religião te dá uma explicação abrangente como a que dá o marxismo. Por isso eu acho errado afirmar que o marxismo é um tipo de religião. Não; ele pretende fazer uma coisa que nenhuma religião jamais tentou fazer.

Uma das primeiras coisas que você vai aprender na religião é aprender a conviver com o mistério. Na verdade, a própria aceitação da condição humana implica isto. Se você não é capaz de conviver com aquilo que não entende, se só é capaz de aceitar aquilo que já entende, então você não vai dar mais nenhum passo. Com muita freqüência eu vejo pessoas rejeitarem um fato por ele não ter explicação científica, sem perceberem o quanto isto é absurdo. Se você só pode aceitar fatos que tenham uma explicação científica, seria impossível aceitar o primeiro fato. Então, ou a ciência sabe tudo, tem explicação para tudo, e não há mais nada a conhecer, ou então nós não poderíamos conhecer nem o primeiro fato e nem o fato seguinte. É um raciocínio inteiramente absurdo.

A ausência de explicação científica jamais pode ser motivo para você aceitar ou rejeitar um fato. Ao contrário, você tem de se acostumar primeiro com os fatos. Depois de reconhecido o fato, pode ser que você encontre uma explicação científica, pode ser que a geração seguinte a encontre, ou daqui a cem gerações alguém a encontre, ou pode ser que jamais ela seja encontrada, mas e daí? A realidade continua soberana, ela não está esperando que você possa explicá-la para que ela aconteça. Isto quer dizer que esta demanda de explicação total e universal que o sujeito traz de dentro do marxismo é uma doença, e eu acho que o Kolakowski jamais se libertou dessa doença. Por isso eu digo que sua grande obra é “As Principais Correntes do Marxismo”, que é uma obra eminentemente crítica.

*Aluno: Gostaria de mais uma vez agradecer por seu trabalho por nós, seus alunos. Minha dúvida é quanto ao estudo de História. Como organizar o estudo dessa disciplina? É melhor ter uma idéia de história geral para depois concentrar o estudo em alguns períodos? Ou é melhor concentrar-se em vários autores e livros a respeito de um período específico que nos interesse?*

Olavo: Esta última hipótese, evidentemente, porque a própria noção de história geral universal é altamente problemática. A melhor coisa é pegar um ou alguns poucos livros de história, sobre um período ou acontecimento específico, e estudar este livro não só no seu conteúdo, mas na sua própria composição. Quer dizer, como é que o sujeito fez isto? Como é que ele descobriu estas coisas? Como, diante de fatos que poderiam ter uma interpretação ambígua – ou faltavam elementos para haver um conhecimento completo da coisa –, como é que ele preencheu isto? Como ele se virou em cada caso? Isso é a coisa mais bonita que tem na ciência histórica.

Leopold von Ranke dizia que o objetivo da história é contar as coisas como elas efetivamente se passaram. Isto parece simples, mas, mesmo que você fosse uma testemunha ocular dos acontecimentos, você não sabe tudo a respeito deles, sabe apenas o pedaço que você viu. Então você não vai contar as coisas efetivamente como elas se passaram, mas tal como elas chegaram ao seu conhecimento. Mas você não se contenta com isso, você quer saber também como outras pessoas viram, e, idealmente **[2:00]**, quer saber como todos os personagens envolvidos entenderam o que estava acontecendo.

E isso basta? Também não, porque pode ser que todos os personagens não tenham entendido o que se passava, e as implicações de longo prazo de suas próprias decisões. Então é para isso que o historiador se esforça; para obter o máximo de inteligibilidade de certos complexos de fatos, onde os próprios personagens podiam não estar entendendo a coisa inteira, e onde ele, como historiador, tem uma posição privilegiada de certo modo. Por exemplo, ele pode ter ao mesmo tempo o testemunho de pessoas que não contaram esses testemunhos umas para as outras. Eu não sei o que o vizinho sabe, e ele não sabe o que eu sei. Mas o historiador sabe o que eu sei e sabe o que o outro sabe. Então é claro que é uma posição privilegiada. Mas essa busca de inteligibilidade é evidentemente limitada. Podemos dizer a verdade: ela sempre fracassa. Então o objetivo não é alcançar a inteligibilidade integral, como o marxismo pretende, mas o máximo de inteligibilidade possível para

cada caso. Então você pega algum bom livro de história, leia e depois veja as fontes de onde o sujeito foi tirando as informações e como ele trabalhou cada uma.

É uma verdadeira maravilha você fazer isso. Em alguns casos é muito difícil, porque alguns historiadores lidam com uma tal multiplicidade de fontes às vezes de natureza totalmente heterogênea, que nós teríamos dificuldade de lidar com aquilo. Mas tem alguns livros que são desenvolvidos a partir de uma fonte em particular. Por exemplo, existe um livro belíssimo no Brasil que se chama "Vida e morte do bandeirante", do Alcântara Machado. Houve um conjunto de documentos liberados pelo governo, e ele trabalhou em cima disso. Leiam isso para verem como um belo historiador trabalha um conjunto definido de documentos.

Agora, em outros casos, se você pegar o livro de Modris Aksteins, "*Rites of Spring*". A multiplicidade de fontes que ele usou...É uma vida inteira de leituras para fazer aquilo. Leitura, observação... ele usa ali diários de pessoas, jornais, documentos oficiais, tudo entrou ali. Então eu sugiro: pegue um livro que trate de uma coisa mais específica, e onde você tenha acesso, senão aos próprios documentos originais com que o próprio sujeito lidou, pelo menos que você saiba qual eram esses documentos, qual era o teor deles, e como eles foram trabalhados.

*Aluno: O senhor mencionou em uma das últimas que o senhor dedicou uma parte da sua vida a ler documentos sobre a vida alemã pré-nazista. Outro dia estava vendo um de livro de fotos do festival de Salzburg. A impressão que tive é que o festival, com homens como Richard Strauss, Max Reinhardt, Bruno Walter e alguns de seus colaboradores é uma das poucas forças culturais de resistência e preservação da alta cultura alemã. Será que minha impressão foi correta, ou a deturpação da cultura alemã foi um dos instrumentos eficazes do movimento nazista?*

Olavo: Bom, nesse caso você está falando da cultura austríaca. A Áustria como um todo foi um centro de resistência a isso, sobretudo em torno da pessoa do Hugo Von Hofmannsthal. A Áustria é um país onde confluem influências muito diversas. Você tem um lado germânico e um lado espanhol ali no meio. A Áustria tem uma coisa específica que não permite dissolvê-la completamente num universo germânico. A idéia do Hitler da "Grande Alemanha", de juntar todo mundo que fala alemão, para se encaixar a Áustria nisso aí era um problema. E por conta dessas condições específicas, muita gente na época, inclusive o nosso Otto Maria Carpeaux, que vivia lá nessa época, acreditava que a Áustria era uma condensação de séculos de cultura européia. E era mesmo. Só que quando entraram os nazistas lá, isso acabou.

É muito interessante você estudar a vida do chanceler Dollfuss, Engelbert Von Dollfuss, que era um sujeito muito consciente das pressões internas, mas causadas por elementos externos que havia na Alemanha, e você estudar o livro de Eric Voegelin sobre a constituição da Áustria, sobre a constituição autoritária que foi feita para controlar movimentos comunista e nazista. Ao passo que na Alemanha, o que aconteceu? Os dois movimentos foram deixados

à solta. Enquanto na Áustria o Dollfuss estava tentando controlar, na Alemanha ele foram deixados. Qual era o inimigo dos dois? Era a República, a República Democrática. Eles se odiavam entre si, mas ambos estavam querendo destruir a República em primeiro lugar. E de certo modo esses dois movimentos incentivavam um ao outro, porque cada um pretendia usar o outro como instrumento: “Ah, nós deixamos que eles destruam e depois pegamos o poder”. Os nazistas pensavam assim, e os comunistas pensavam a mesma coisa. Então houve uma espécie de conspiração entre duas conspirações. E provocaram, evidentemente, uma desgraça. Então quer dizer que nenhum dos dois eram grandes amigos da Alemanha, ambos queriam destruir o país.

Na Áustria o Dollfuss estava muito consciente de que era preciso manter essas duas forças com cabresto, tanto que o sistema austríaco só pôde ser destruído desde fora, um golpe de estado provocado pela Alemanha, que logo em seguida invadiu o país. Mas a consciência de ser portadores de valores austríacos seculares, que tinham importância para Europa inteira, todas essas pessoas tinham, e muitos outros tinham também. Na Áustria se conservou muito mais o sentido de alta cultura tradicional do que se conservou na Alemanha. Na Alemanha dos anos 30 os caras esculhambaram com tudo; se você pegar o cinema, o teatro alemão daquela época, estavam todos a serviço de forças ideológicas; tudo foi instrumentalizado. Chegou lá o Wilem Musenberg e cooptou todo mundo. Se você pegar os grandes nomes da cultura alemã propriamente dita, Herbert Piscato, Bertold Brecht etc., todo mundo trabalhava ou para o partido comunista, ou para o partido nazista. E era exatamente o que não acontecia na Áustria. Ela não foi destruída desde dentro; foi destruída desde fora. A Alemanha se destruiu desde dentro por sua opção pelos movimentos ideológicos de massa e pelo abandono da cultura tradicional.

Bom, acho que hoje nós podemos parar por aqui. Até semana que vem e obrigado.

Transcrição realizada por: Luiz Felipe Adurens Cordeiro, Leonardo Torres, Eduardo Queiroz, Luiza Monteiro, Maurício Doval, Luiz Felipe Adurens.

Revisão realizada por: Leandro Diniz, Marcela Andrade.